**Uma imagem com texto, planta, desenhos de criança, livro

Descrição gerada automaticamente**

**RITOS INICIAIS**

**Procissão de Entrada | Cântico de Entrada | Saudação Inicial**

**Monição inicial**:

P. A nossa Páscoa continua. E o segredo da Páscoa é o Amor mais forte do que a morte. Jesus mostra-nos, na sua Páscoa, a vitória do Amor que vence a morte e chega ao extremo de dar a vida por quem se ama. Somos fruto deste amor de Deus. E somos chamados a dar fruto no amor, pelo amor aos irmãos. Neste primeiro domingo de Maio, celebramos o Dia da Mãe. Agradeçamos ao Senhor, porque nascemos como fruto bendito do amor, do ventre da nossa mãe bendita. E agradeçamos a Maria, a Bendita entre todas as mulheres, por nos dar Jesus, o fruto bendito do seu ventre. Preparemos o nosso coração, para fazer dele, como o de Maria, a morada do Senhor.

**Kyrie:**

P. Senhor, Vós amais-nos a todos e a todas, sem aceção nem exceção de pessoas. Pelas vezes em que desprezamos alguns dos nossos irmãos e irmãs mais pequeninos, Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

P. Cristo, Vós quereis fazer em nós a Vossa morada. Pelas vezes, em que o nosso coração está poluído e manchado pelo pecado, Cristo, tende piedade de nós!

R. Cristo, tende piedade de nós.

P. Senhor, Vós chamais-nos a dar mais fruto que produto. Pelas vezes em que a nossa vida ativa não dá frutos de alegria, amor e paz, Senhor, tende piedade de nós! R. Senhor, tende piedade de nós!

P. Neste mês de maio, Maria está muito presente na nossa oração de louvor. Ao ser proclamada «*bendita entre todas as mulheres*», Maria exulta de alegria e dá glória a Deus. A sua alma glorifica o Senhor. Como Maria, dêmos glória a Deus.

**Hino do Glória** (rezado)

**Oração coleta do 6.º Domingo da Páscoa**

**LITURGIA DA PALAVRA**

1.ª leitura – forma mais breve

**Leitura dos Atos dos Apóstolos**

Naqueles dias,

todos os fiéis convertidos do judaísmo,

ficaram maravilhados

ao verem que o Espírito Santo

se difundia também sobre os gentios,

pois ouviam-nos falar em diversas línguas e glorificar a Deus.

Pedro então declarou:

«Poderá alguém recusar a água do Batismo

aos que receberam o Espírito Santo, como nós?».

E ordenou que fossem batizados em nome de Jesus Cristo.

Então, pediram-Lhe que ficasse alguns dias com eles.

Palavra do Senhor.

R. Graças a Deus.

2.ª leitura – forma mais breve

**Leitura da Primeira Epístola de São João**

Caríssimos:

Amemo-nos uns aos outros,

porque o amor vem de Deus

e todo aquele que ama

nasceu de Deus e conhece a Deus.

Quem não ama não conhece a Deus,

porque Deus é amor.

Nisto consiste o amor:

não fomos nós que amámos a Deus,

mas foi Ele que nos amou e enviou o seu Filho.

**Palavra do Senhor.**

R. **Graças a Deus.**

**Aclamação ao Evangelho**

Refrão: Aleluia. Aleluia. Repete-se Se alguém Me ama, guardará a minha palavra. Meu Pai o amará e faremos nele a nossa morada. Refrão

**Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João** – leitura integral

**Homilia**

**Homilia no VI Domingo da Páscoa B 2024 | Dia da Mãe**

“*Deus é exatamente como as mães*”! Assim o escreve e descreve o escritor Valter Hugo Mãe (VHM), no seu livro “*Deus na escuridão*” (pp.131-136). Em cinco páginas e meia, o autor lê o coração de Deus a partir do coração de uma Mãe e fala da Casa de uma mãe à luz da Casa de Deus. E não fosse a extensão do texto, este seria a Homilia, neste Dia da Mãe. Com breves citações, celebremos este Dia:

1. Jesus fala-nos do amor de Deus, que primeiro nos amou. É um amor que nos precede, que nos *primeireia*. Deus ama-nos antes ainda da nossa resposta de amor a Ele. O amor de uma mãe é muito semelhante a este amor: somos queridos, amados, sonhados antes ainda de nascermos. Somos amados, antes ainda de virmos a corresponder ou não a este amor. “*Contudo os filhos julgam que o amor é o consumo da vida, o imediato que observam, a evidência de se verem acompanhados, quando a verdadeira companhia encontra sempre um modo de chegar a casa. Eles partem para longe. Os filhos partem para mais longe, buscando o que, afinal, ficara lá atrás*” (VHM). Mas Deus, como as mães, “*sabe apenas estar à espera por tão grande esperança de ser correspondido no amor*” (VHM).

2. Jesus fala-nos de um amor, que vai ao extremo de dar a vida. É um amor que nos excede: vem antes e muito acima do nosso mérito. Deus, como as mães, “*só sabe amar acima de qualquer defeito e qualquer falha*” (VHM). Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida, por quem ama! Jesus deu a Vida por nós. Este amor também se manifesta no amor de uma mãe: ela dá-nos à luz, dá-nos a vida, dá da sua própria vida, para vivermos. Dá tudo, dá a vida toda, não porque o mereçamos, mas porque nos ama, “*porque é o amor que aperfeiçoa*” (VHM). O seu amor é gratuito, é excessivo, sem medida. “*Deus é exatamente como as mães. Liberta seus filhos e haverá de buscá-los eternamente. Passará todo o tempo de coração pequeno à espera, espiando todos os sinais que lhe anunciem a presença, o regresso dos filhos*” (VHM). “*Deus como as mães tem a impressão que vai morrer se não voltar a ver os filhos*” (VHM).

3. “*Permanecer*” é próprio do amor de Deus por nós e do amor de Deus em nós. Tal como Deus, as mães permanecem, perseveram, não delegam nem descartam a sua missão: “*com o nascimento do primeiro filho,* [Deus, tal como as Mães] *comparou a felicidade ao medo*”. “*Deus, como as mães, corre os dias inteiros à janela e escuta. Qualquer bulício, lhe acelera o coração. Se existem passos em redor da sua casa, se alguma voz O chama, palpita, como doido de alegria na esperança de ter um filho em visita*”, por isso, a Casa de Deus, tal como a Casa da Mãe, “*tem a chave do lado de fora, debaixo de um vas*o” na expetativa de “*que o filho volte e ocupa a cama, ocupe o seu lugar*”. Deus, como as Mães, “*teme morrer sem acabar a sua tarefa e teme que a sua tarefa termine e O deixem morrer*” (VHM).

4. Jesus desafia-nos a dar frutos de amor. Cada mãe olha para o seu filho, como um fruto do seu ventre e não como um produto. O fruto da mãe que permanece na vida dos filhos é tudo quanto ela semeia no coração dos filhos: o amor, o conhecimento, o gesto capaz de tocar o coração; a palavra que abre a alma à alegria do Senhor. Por isso, “*as lembranças dos filhos* *são sempre nascentes e não haverão jamais de terminar. Por causa disse, se lhe perguntarem, verificam que Deus sabe tudo, lembra aquilo que de que ninguém mais lembra*. [A Mãe, tal como Deus] *guarda como um tesouro o passado. Sente tanto orgulho e tanta saudade que nunca deixará de lembrar e de contar a quem se abeirar como foi, como foram, como deverão estar felizes Seus filhos algures*” (VHM).

Neste mês de maio, neste Dia da Mãe, agradeçamos a Maria, nossa Mãe, as nossas benditas mães. Na Terra ou no Céu, à imagem de Maria, elas nos ajudem a dar um fruto que permaneça para a vida eterna. **Bendita Mãe. Bendito fruto!**

**Credo batismal:** R. **Sim, creio.**

**Preces** (a partir da Ave-maria)

P. Hoje as nossas preces são as invocações da Ave-maria. É uma oração tão simples. A primeira parte recorda-nos palavras de saudação, quer as do Anjo, quer as de Isabel, prima de Maria. A segunda parte, é a proclamação da fé da Igreja, que se confia a Maria e com Ela bendiz o Senhor. Vamos recordar as palavras da Ave-Maria. E fazer delas louvor e súplica ao Senhor [Texto elaborado a partir de: *Catecísmo da Igreja Católica*, 2676-2679; PAPA FRANCISCO, *Ave, Maria*, Ed. Planeta, Lisboa 2019], invocando:

R. **Mãe de Deus e nossa Mãe, rogai por nós!**

1. Criança (ou P.) **Ave Maria.**

Mãe: Alegra-Te, Maria. Nós Te saudamos, ó Maria, com a alegria que em Ti mesma se encontra. Dá-nos, Maria, a capacidade de nos deixarmos surpreender! Invoquemos:

R. **Mãe de Deus e nossa Mãe, rogai por nós!**

1. Criança (ou P.) **Cheia de graça.**

Mãe: Maria, Tu és a cheia de graça. Cheia da presença de Deus. Tu dás tudo de Ti, para que Deus possa entrar em Ti. Maria, faz-nos viver uma vida bela, dizendo «sim» a Deus, de alma e coração! Invoquemos:

R. **Mãe de Deus e nossa Mãe, rogai por nós!**

1. Criança (ou P.) **O Senhor é convosco.**

Mãe: Maria, o Senhor está contigo. Deus vem habitar dentro de Ti. Tu és a Arca da Aliança, a morada de Deus com os homens. Maria, ensina-nos a fazer crescer os nossos filhos como filhos teus e como filhos de Deus! Invoquemos:

R. **Mãe de Deus e nossa Mãe, rogai por nós!**

1. Criança (ou P.) **Bendita sois Vós entre as mulheres.**

Mãe: Maria, Vigem gloriosa e bendita. Assim Te reconheceu a Tua prima Isabel. Maria, Tu és abençoada. Feliz de Ti porque acreditaste. Maria, que Tu sejas louvada por todas as gerações! Invoquemos:

R. **Mãe de Deus e nossa Mãe, rogai por nós!**

1. Criança (ou P.) **Bendito é o fruto do Vosso ventre, Jesus.**

Mãe: Maria, Tu ofereces ao mundo a maior bênção, o fruto do teu ventre: Jesus Cristo! Maria, faz com que acolhamos cada vida humana como uma bênção e como uma dádiva e não como uma maldição ou uma dívida. Invoquemos:

R. **Mãe de Deus e nossa Mãe, rogai por nós!**

1. Crianças (ou P.) **Santa Maria, Mãe de Deus.**

Mãe: Maria, Tu dás-nos Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem. Por isso, nós Te aclamamos «Mãe de Deus» e nossa Mãe. Maria, faz de cada mãe, neste mundo, o mais belo rosto da ternura e do amor de Deus. Invoquemos:

R. **Mãe de Deus e nossa Mãe, rogai por nós!**

1. Crianças (ou P.) **Rogai por nós pecadores.**

Mãe: Maria, nós somos todos pobres e pecadores. A Ti, Mãe de misericórdia, Mãe Santíssima, confiamos hoje as nossas vidas, para que realizemos sempre, e em todas as coisas, a santa vontade de Deus. Invoquemos:

R. **Mãe de Deus e nossa Mãe, rogai por nós!**

1. Crianças (ou P.) **Agora e na hora da nossa morte.**

Mãe: Maria, nós Te entregamos a nossa vida. Contamos com a tua companhia, quer nas horas de tristeza, quer nas horas de alegria. Fica connosco, hoje e sempre e permanece junto de nós, como estiveste junto de Jesus, até à hora da nossa morte. Leva-nos até ao Paraíso, até ao encontro com o Teu Filho. Invoquemos:

R. **Mãe de Deus e nossa Mãe, rogai por nós!**

P. Senhor, nosso Deus, que derramastes os dons do Espírito Santo sobre a Virgem Maria, em oração, com os Apóstolos. Concedei-nos pela sua intercessão, que perseveremos unidos na oração. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, que é Deus e convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo, pelos séculos dos séculos. R. Ámen.

**LITURGIA EUCARÍSTICA**

Apresentação dos dons | Cântico de ofertório | Oração sobre as Oblatas | Prefácio Pascal V ou das Missas da Virgem Santa Maria, p. 100, n.º 17, A Virgem Maria em oração com os Apóstolos) | Oração Eucarística II | Ritos da Comunhão

**RITOS FINAIS**

**Oferta às mães** – só nas missas de Domingo às 11h00 e às 19h00 (NSH)

Diácono: Hoje queremos oferecer às mães um pequenino pendente, com a forma de uma maçã. A **maçã** está associada ao fruto proibido, embora nada o indique no texto bíblico. O fruto proibido é apenas a representação da nossa cobiça, quando nos queremos apropriar daquilo que é oferecido como dom a todos. Porém, aquilo que se tornou maldição, tornar-se-á fonte de bênção. O Messias havia de nascer de uma Mulher, como fruto bendito.

Diácono: Nós olhamos para Maria e vemos n’Ela a nova Eva, a mãe de todos os viventes. Ela oferece ao mundo o fruto bendito, que é o próprio Filho Jesus. Por isso dizemos: **Bendita Mãe. Bendito Fruto.** Ao oferecermos às mães esta maçã, queremos louvá-las e agradecer-lhes **o ventre**, no qual cada um de nós é gerado **como fruto bendito**. Um filho nunca é um erro, nunca é um produto, uma maldição; é sempre um fruto, uma bênção do Senhor. Ao oferecer às mães este símbolo da maçã, nós queremos dizer-lhes: «**Bendita Mãe. Bendito fruto».** O sabor doce e o aroma agradável da maçã é, na Bíblia, um dos símbolos do amor da pessoa amada (cf. Ct 7,9).

P. Queridas mães: Mãe, que o aroma do vosso amor permaneça sempre como o doce fruto da maça, na boca de quem a saboreia (cf. Ct 2,3).

**Bênção das mães com a maçã** (com a oferta do pendente)

P. Senhor,

olhai e + abençoai estas mães,

que deixarão pender do seu colar esta pequenina maçã.

Elas se recordem e agradeçam

a graça de terem dado à luz os filhos como frutos benditos

do seu ventre materno.

Que estas mães continuem

a exalar das suas mãos generosas,

tal como este fruto de sabor doce,

o aroma agradável do Vosso Amor.

Nós Vo-lo pedimos, pela intercessão

da Virgem gloriosa e bendita.

Por Cristo, nosso Senhor.

R. Ámen.

Ou

**Bênção das Mães** (se não houver oferta de qualquer símbolo)

P. O Senhor Deus omnipotente,

que concedeu a alegria da maternidade,

Se digne + abençoar estas mães,

para que, assim como agora Lhe agradecem o dom dos filhos,

alcancem também com eles a felicidade eterna.

Por Cristo, Nosso Senhor.

R. Ámen.

**Cântico mariano** (ou outro): À vossa proteção nos acolhemos, Santa Mãe de Deus. Não desprezeis as nossas súplicas nas nossas necessidades, mas livrai-nos de todos os perigos, ó Virgem gloriosa e bendita.

**Bênção final**

Diácono: Hoje é dia de visitar as nossas mães. Em oração, de memória agradecida, se já partiram para o Senhor. Fisicamente, se ainda peregrinam em esperança connosco. Escutemos, por fim, mais um excerto do texto de Valter Hugo Mãe:

P. “*Se Deus pudesse, escreveria a cada filho uma carta de amor, para o convencer a vir em visita. Mas o paradeiro do filho só se descortina pela prece. Sem isso, Deus guarda as cartas que escreve sem ter para onde as enviar. Espera. No que, à visão dos seus filhos se refere, Deus espera na escuridão. Seu candeeiro é Seu nome, à boca do filho*” VHM).

**Despedida**

Diácono: Sob a guia e a companhia de Maria, ide em Paz e que o Senhor vos acompanhe.

R. Graças a Deus.

**Cântico final**

**Oração para a bênção da mesa | VI Domingo de páscoa 2024 | dia da mãe**

Senhor, nosso Deus:

nós Te bendizemos

porque a Mãe,

entre as criaturas humanas,

é a mais parecida contigo:

espera pelos filhos à janela,

cozinha os pratos favoritos,

para nos reunir à volta da mesa.

Que esta refeição dominical,

seja de louvor e de gratidão,

em redor das benditas mães,

que permanecem no amor,

assim na Terra como no Céu.

Ámen.

**Prefácio das Missas da Virgem Santa Maria || 17**

**Nossa Senhora do Cenáculo**

*A Virgem Maria em oração com os Apóstolos,*

*espera a vinda do Espírito Santo*

P. O Senhor esteja convosco.

R. Ele está no meio de nós.

P. Corações ao alto.

R. O nosso coração está em Deis.

P. Demos graças ao Senhor nosso Deus.

R. É nosso dever, é nossa salvação.

P. Senhor, Pai Santo, Deus eterno e omnipotente,

é verdadeiramente nosso dever, é nossa salvação,

dar-Vos graças, sempre e em toda a parte

Na Igreja nascente,

destes-nos um exemplo admirável de oração e de unidade:

a Mãe de Jesus, orando com os Apóstolos.

Na oração, Ela esperou a vinda de Cristo,

com súplicas ardentes invoca o Espírito prometido;

E Aquela a Quem o Espírito cobriu com a sua sombra,

na encarnação do Verbo,

de novo recebe o Dom celeste

do nascimento do povo da nossa aliança.

A Virgem Santa Maria,

vigilante na oração e fervorosa na caridade

é figura da Igreja que, enriquecida com os dons do Espírito Santo,

espera vigilante a segunda vinda de Cristo.

Por isso, com a multidão dos Anjos

que adoram a vossa majestade

e se alegram na Vossa presença,

Proclamamos a vossa glória,

cantando numa só voz.

R. Santo, santo, santo, Senhor Deus do Universo…

**Comissão Episcopal do Laicado e Família**

**Mensagem para Dia da Mãe**

**5.5.2024**

No primeiro Domingo deste mês de maio celebramos o Dia da Mãe. A todas as Mães levamos o nosso apreço e a nossa gratidão.

Para nós cristãos católicos, o Dom da Maternidade surge do coração de Deus, Ele que é Pai e Mãe, e modelou na Virgem Maria de Nazaré toda a beleza e ternura da Maternidade Divina. Através d’Ela, Deus tornou-se próximo de cada um de nós, fez-se um de nós. Por isso, na maternidade de cada mulher podemo-nos encontrar com a nascente da vida e com o autor da Vida. No Amor de cada Mãe aproximamo-nos de modo eloquente do Amor de Deus por cada um de nós. Não duvidamos que o Amor de Mãe é a mais perfeita metáfora do Amor de Deus.

Celebrar o Dia da Mãe, no mês de maio, mês das flores e do coração, é lembrar Maria, aquela que acolheu sempre as preces de todas as Mães sofridas pelos desgostos da vida – dias de sal – ou exultantes pelas alegrias que ao longo do caminho surgem como flores de Esperança – dias de sol! Todas as Mães têm direito ao apoio de todos. Se tivéssemos que sublinhar o acréscimo de apoio a algumas Mães, evidenciaríamos as mais pobres, as mais sós, aquelas que têm de ser mãe e pai.

Como não admirar as Mães que tiveram de enfrentar todas as dificuldades sem a presença responsável e comprometida dos Pais? Como não valorizar a Mães que por adoção deram vida por filhos não biológicos mas de coração? Como não exaltar a heroicidade das Mães que pela morte de seu cônjuge ou companheiro, enfrentaram na solidão a criação e educação dos seus filhos? Em tempos de Paz frágil ou mesmo de países em guerra, lembramos com intensa solidariedade, todas as Mães em territórios exacerbados de violência, em campos de refugiados, em fugas de emergência, em migração forçada e, pior ainda, em luto por filhos perdidos neste contexto desumano.

Ao celebrarmos os cinquenta anos da “Revolução dos Cravos”, com todas a Mães crentes, agradecemos a Deus, por meio da Mãe de Jesus, pelo Dom da Paz que continuamos a experimentar no nosso País. Que as Mães renovem nos corações valores de respeito, tolerância e Paz, e que nos demostrem pelo seu exemplo e afeto que todos somos filhos, portanto, irmãos. Que prossigam na defesa da dignidade de cada Ser Humano na riqueza das suas diferenças e na diversidade das suas raças, culturas, credos e talentos.

A todas as Mães a nossa renovada gratidão. Pedimos à Mãe das Mães a sua intercessão a fim de as auxiliar na grandeza da sua Missão e para que em todos os filhos desperte a correspondência do reconhecimento e do compromisso no Bem das suas extremosas Mães.

**homilias**

**no vi domingo da páscoa b**

**Homilia no VI Domingo da Páscoa 2021**

**1.** Valia a pena contar a história inteira da conversão pessoal de Cornélio e da conversão pastoral de Pedro, que ocupa todo o capítulo décimo do livro dos Atos. No princípio, está a história de um homem bom, de um homem temente a Deus. É um cidadão romano, na Cesareia, com patente militar, um pagão simpatizante do judaísmo, um homem que se distingue por duas coisas: *rezava com todos os da sua casa* e *dava largas esmolas ao povo* (cf. At 10,2). Não tem a marca da circuncisão como os judeus e, por isso, não fazia parte dessa comunidade religiosa. Mas reza em sua casa. Não é ainda um batizado, como os cristãos e, por isso, não faz parte dos que seguem a Via, que é Cristo. Mas escuta a Palavra de Deus em sua casa. Ora, se é verdade que *quem permanece no amor permanece em Deus* (1 Jo 10,16), então Deus já está na vida deste homem bom. Deus não é património exclusivo de judeus ou de cristãos. Se *quem ama nasceu de Deus* e *se todo aquele que vive no amor é gerado por Deus*, então este homem, que se distingue pela sua piedade e generosidade, é já alguém alcançado por esse amor que vem de Deus. É a este homem, enquanto reza em casa, que o Senhor dá a senha para ir e sair ao encontro de Pedro.

2. Por sua vez, o apóstolo Pedro está hospedado numa casa, em Jope (cf. At 10,5.9). Pedro é um judeu de raiz, para quem os pagãos eram considerados impuros e, portanto – a seu ver – deviam ser excluídos do anúncio do Evangelho. Também Pedro, em casa, quando rezava e se preparava para matar a fome, tem uma visão, que lhe abre os olhos e o faz ver que não se deve chamar impuro ou profano a nada e a ninguém deste mundo (cf. At 10,15.28). Deus não faz aceção de pessoas (cf. At 10,34). Pedro verá, com os próprios olhos, que os pagãos dão testemunho do amor de Deus, estão prontos para escutar a Palavra e, por isso, recebem o Espírito Santo. Pedro converte-se então a uma nova etapa na evangelização e ordena que sejam batizados Cornélio e todos os de sua casa. É um primeiro e grande passo: abre-se de par em par aos gentios a porta da fé (At 14,27)!

**3.** Esta história tem muito a ver connosco e com algumas lições da pandemia.

*A primeira lição* é a importância da casa e da família, como *lugar de oração*. Quer Cornélio, impedido de ir ao templo, quer Pedro, sem uma igreja para rezar ou pregar, um e outro rezam em casa, escutam e anunciam em casa a Palavra de Deus. É no ambiente doméstico que ambos têm uma visão enquanto rezam, porque só a oração transforma o olhar do coração. Aprendemos, com a pandemia, a estar em casa, a fazer da casa lugar de oração, de transmissão da fé, de liturgia familiar e de catequese. Devemos, agora, sair de casa para o templo e desconfinar em direção à comunidade. Sim. Façamo-lo sem demora. Mas não deixemos nunca de rezar em casa, em família. Neste mês de maio, podemos fazer em casa esta maratona da oração, sob a guia de Maria, na companhia de José, pedindo ao Senhor o fim e o bom aproveitamento desta pandemia.

A *segunda lição* da pandemia é que Deus está na vida de tantos, que considerávamos impuros ou pagãos ou católicos *de segunda*. A entrega até ao limite das forças, a renúncia a estar com a própria família para salvar vidas mostraram-nos como Deus já habita o coração daqueles a quem O queremos anunciar. Nos corredores da pandemia revelaram-se tantas histórias de vida, que têm o sinal de Deus, a marca do Seu amor. Anunciar a Palavra de Deus a estas pessoas é, primeiro que tudo, escutá-las, para ouvirmos juntos a Palavra que Deus nos diz através delas. O seu amor aos irmãos é uma palavra silenciosa do Amor de Deus por todos nós. Logo que pudermos, vamos a casa destas pessoas ou convidemos estas pessoas para vir a nossa casa e fiquemos juntos alguns dias, partilhemos a experiência do amor de Deus, que nos tocou com mãos humanas e se atravessou neste tempo de tamanha dor, de tanta luta e de luto para tantos.

Sejamos todos testemunhas destemidas de que, também hoje, o Senhor manifesta a salvação a todos os povos, porque Deus não faz aceção de pessoas!

**Homilia no VI Domingo de Páscoa B 2021 | Missas com Catequese**

**1.** Que saudades temos dos amigos! Da Escola, da Catequese. Procurámos contactá-los, por telefone, vídeo chamada etc. Mas nada como estarmos à mesma mesa, olhos nos olhos, coração a coração. À volta da mesa, Jesus diz aos seus discípulos: «*Já não vos chamo servos; chamo-vos amigos*». Jesus é nosso amigo! Ele é o amigo por excelência. Ele quer ser e fazer de ti, “*o amigo*”, o companheiro, o confidente. «*Chamei-vos amigos porque vos* *dei a conhecer tudo o que ouvi a meu Pai*»!

**2.** A amizade de Jesus é uma **amizade generosa**. Dá tudo e dá-se todo. Dá a vida pelos amigos! Jesus é um **amigo atento a tudo o que é teu**: *«Hoje quero ficar em tua casa»* (Lc.19,5),disse Ele a Zaqueu.Ele é conhecido como «amigo dos publicanos e pecadores» (Mc.2,16), que come com eles. Ele é o amigo que não passa ao lado da aflição, até em dias de festa (Jo.2,1-12)! É o amigo que **tem todo o tempo para nos ouvir e escutar**, como em casa de Marta e de Maria (Lc.10,38-41). O amigo, capaz até de chorar a morte dos amigos, como Lázaro (Jo.11,35): «*Vede como era seu amigo*» (Jo.11,36). É **o amigo das crianças que (?) ninguém quer por perto**. É o amigo dos inimigos, com tempo ainda para olhar para o bom ladrão (Lc.23,42). O amigo das amigas, no caminho da Cruz (Lc.23,28). **Jesus é também o amigo exigente**, com as riquezas daquele jovem, para quem olhou com tanto amor (Mc.10,21), e a quem pediu nada menos do que tudo. Jesus é o nunca bastante!

**3.** Este amigo de Lázaro (Jo.11,5), de Zaqueu (Lc 19,7), de Pedro, Tiago e João, de Maria Madalena, de Susana e de Joana (Lc.8,2-3), dos discípulos perdidos de Emaús (Lc.24,13-33) é o amigo de Gonçalo, de Teresa, de Manuel e de Maria. **É o teu amigo!**

**4.** **É este amigo que precisas de (re)encontrar!** “*Quem encontra um amigo encontra um tesouro*” (Sir 6,14). O único modo de ter um amigo é ser um amigo. Por outras palavras: a verdadeira amizade é reciprocidade. Este amigo Jesus «*bate à porta e chama*», quer «*entrar e cear*» contigo (Ap 3,20). E parece mendigar a tua atenção e a tua companhia. Serás tu mesmo seu amigo? Terás tu ainda tempo para Ele, tempo para o escutares, no quarto lá de casa ou aqui, à mesa da *Eucaristia*? “*Ando à procura de amigos*” - disse o Principezinho! - “*Os homens agora já não têm tempo para conhecer nada*”! – disse a raposa – “*Compram as coisas já feitas nos vendedores. Mas como já não há vendedor de amigos, os homens não têm amigos.*”

**5.** Não deixes crescer a erva no caminho que te leva a casa do amigo Jesus! Procura tempo para estar com Ele. Quer quando rezas, em casa. Quer quando te encontras com Ele à mesa da Eucaristia. E hoje não te esqueças de lhe dizer: “*Obrigado, Jesus, pela tua amizade! Ajuda-me a conhecer-Te cada vez melhor! Ajuda-me a identificar-me cada vez mais com a tua vontade! Ajuda-me a viver a minha existência, não para mim mesmo, mas a vivê-la juntamente con'Tigo para os outros! Ajuda-me a tornar-me cada vez mais teu amigo…”*

**Homilia no VI Domingo da Páscoa B 2018 – Dia da Mãe**

Com três letras apenas se escreve a palavra “mãe”. Com três palavras apenas eu gostaria de relacionar a Liturgia da Palavra deste domingo com este belo Dia da Mãe.

1. **A primeira palavra:** “*Nisto consiste o amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele que nos amou*” (*1 Jo* 4,10).
   1. Deus amou-nos primeiro. Deus “*primeireia-nos*” (EG 24), diz o Papa, inventando esta bonita palavra. O amor de Deus excede-nos e precede-nos. O amor de Deus é eterno, é anterior e é superior ao nosso amor. O amor de Deus realmente habita-nos, mas Deus é maior que o nosso coração.
   2. E se olharmos para a nossa vida, descobrimo-lo mais facilmente a partir da relação com a nossa própria mãe. Na verdade, “*cada nova vida permite-nos descobrir a dimensão mais gratuita do amor, que nunca cessa de nos surpreender. É a beleza de ser amado primeiro: os filhos são amados antes de chegar. Isto mostra-nos que o amor de Deus está primeiro, porque os filhos são amados antes de ter feito algo para o merecer*” (AL 166). A mãe, o pai, amam-nos antes ainda de nascermos! O amor precede o seu fruto. É assim na nossa vida. É assim na vida da Igreja. Não é a Igreja que faz a caridade. É a Caridade que funda e edifica a Igreja.
   3. Mas a mãe é a primeira a intuir, a sentir, a saber que estamos para nascer, que estamos a chegar, que estamos a sofrer… Alguém escreveu, a respeito de sua mãe: “*Antes de ser, tu me sabias*” (Henrique Manuel Pereira). As mães sabem de nós e sabem muito antes de nós! Podemos aplicar este princípio à vida da Igreja. Antes da caridade da Igreja e na Igreja, há a Igreja na caridade, porque o amor é primeiro.
2. **A segunda palavra:** “*Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a Vida*” (*Jo* 15,12).
   1. Ser mãe não significa somente colocar um filho no mundo. Mas é também uma escolha de vida. Qual é a escolha de vida de uma mãe? É a escolha de dar a vida!
   2. Da mãe recebemos o primeiro presente: o dom da Vida. Um dom que nunca acaba. Um dom que se renova em cada dia. O parto de uma mãe nunca acaba, mesmo quando os filhos crescem e se tornam eles mesmos pais e mães. Ninguém arriscaria mais depressa a vida por um filho, que uma mãe!
   3. Das mães aprendemos o verdadeiro amor, que se dá, que se gasta, o amor que não cansa nem se cansa. O amor é o fruto que permanece!
3. **A terceira palavra** tem a ver com a nossa caminhada; esta semana colocamos no degrau da escada: “O amor rejubila com a verdade” (*1 Cor* 13,6).
   1. O amor alegra-se com o bem, alegra-se com a verdade, alegra-se com o sucesso e o progresso dos outros. Quem ama não fica feliz com a desgraça dos outros nem tem ciúmes das qualidades e capacidades dos outros.
   2. Qual é a alegria de uma mãe? É o progresso e o bem dos seus filhos. Por isso se diz, “*quem meu filho beija, minha boca adoça*”, por isso se diz que o filho é “*a pupila dos olhos da mãe*”.
   3. As mães ensinam-nos a caminhar para o amor verdadeiro: aquele amor que se alegra com o maior bem dos outros. Por isso, um poeta amigo (Nuno Higino) escreveu muito bem e eu não diria melhor:

*“Digo mãe, digo amor, amor inteiro,*

*sem cálculo nem interesse, ocasião,*

*digo mãe, digo amor, amor primeiro*

*antes e depois de tudo, derradeiro.”*

**Homilia no VI Domingo da Páscoa B 2015**

**1.** «*Disse-vos estas coisas, para que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja completa*» (Jo.15,11). E esta palavra da «alegria» vai-se completando, semana a semana, à medida que abrimos as portas para Deus entrar e oferecemos as chaves, para sair ao encontro dos irmãos. E, nesta 6.ª semana, o desafio, recolhido a partir da quinta letra da bela palavra da «Alegria» é tão simples, como isto: «**Respondei»**. Poderíamos dizer: ‘*Correspondei*’, porque no fundo é assim que somos e estamos diante de Deus: somos resposta ao seu amor!

**2.** Na verdade, Deus atrai-nos para Ele, no seu amor. Atrai-nos a todos, sem aceção de pessoas. Não há no coração de Deus, qualquer alfândega, que deixe do lado de fora algum dos seus filhos, por falta de condições ou de curriculum. A todos, Deus ama e chama! A todos acolhe e escolhe, no seu Amor. O seu Espírito Santo habita cada pessoa, criada à sua imagem e semelhança e por isso desce e permanece tanto sobre judeu, como sobre os pagãos, tantos sobre os cristãos como sobre todos aqueles que O procuram de coração sincero. Vimo-la na primeira leitura: os judeus convertidos à fé cristã ficam maravilhados ao perceber que o Espírito Santo não conhece fronteiras! Quem responde e corresponde assim ao amor de Deus, convertendo-se a Cristo, não pode deixar de ser acolhido na comunidade dos crentes, através do Batismo, pois Deus não faz aceção de pessoas. Ele tem e mantém a porta aberta, a quantos se deixam tocar por Ele, acolhendo o Seu Espírito de amor.

**3.** Por isso, este é o desafio, que nos é colocado: «**Respondei**». Isto significa: «não deixeis sem resposta, quem vos faz uma pergunta, quem vos bate à porta, quem procura um sentido para a vida, quem deseja um sacramento, quem pede uma bênção, quem busca orientação, consolo e esperança, na sua vida fatigante. Somos chamados a receber e a responder os outros, a acolher os dons de Deus nos outros, a partilhá-los, numa Igreja de portas abertas: “*a Igreja é chamada a ser sempre a casa aberta do Pai*” (EG 47). Um modo de corresponder «aos de fora» que estão recetivos à fé, um dos sinais concretos desta resposta e desta abertura “*é ter, por todo o lado, igrejas com as portas abertas. Mas há outras portas que também não se devem fechar por uma razão qualquer. Isto vale sobretudo quando se trata daquele sacramento que é a «porta»: o Batismo*” (EG 47).

**4.** “*E para mim, esta é a chave*”, diz-nos ainda o Papa Francisco: “*sair ao encontro de Deus que habita na cidade e nos pobres. Sair para se encontrar, para ouvir, para abençoar, para caminhar com as pessoas. E facilitar o encontro com o Senhor*”. Na verdade, é preciso reconhecer com humildade: muitas vezes, na Igreja, “*agimos como controladores da graça e não como facilitadores*” (EG 47), “t*emos mais facilidade para fazer crescer a fé, do que para a ajudar a nascer*” (Papa Francisco, Discurso, 27.11.2014). Responder é não ignorar ninguém, é não deixar ninguém abandonado, marginalizado, esquecido, é ter uma resposta, uma proposta, a quem nos pergunta sobre as razões da nossa esperança (I Pe.3,15)!

**5.** «Respondei», correspondei! Procuremos, todos, nesta semana, sair ao encontro de pessoas, que, mesmo distantes da Igreja, guardam e aguardam Deus, nos seus desejos mais profundos. “*Esta presença de Deus não precisa sequer de ser criada, mas descoberta, desvendada*” (EG 71). Somos convidados, a partir da própria experiência de amizade, a “provocar” “diálogos parecidos com aquele que o Senhor teve com a samaritana, junto do poço onde procurava saciar a sua sede” (EG 72). Ide então dizer: “àqueles que se sentem longe de Deus e da Igreja, aos que têm medo ou aos indiferentes: «*o Senhor também te chama para seres parte do seu povo, e fá-lo com grande respeito e amor*»” (EG 113)! Vós que primeiro recebeste em vós, a alegria de Cristo (EG 10; EN 80), respondei e correspondei-Lhe com amor. Dai-lhe a vossa amizade, o vosso tempo, o vosso serviço. Porque amor com amor se paga. Ou dito, de modo ainda mais gratuito: Porque o amor basta ao amor!

**Homilia no VI Domingo da Páscoa B 2015 – Missa com bênção dos noivos**

**1.** «*Disse-vos estas coisas, para que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja completa*» (Jo.15,11). E esta palavra da «alegria» vai-se completando, semana a semana, à medida que abrimos portas para Deus entrar e oferecemos chaves, para sair ao encontro dos irmãos. E, nesta 6ª semana, o desafio, recolhido a partir da quinta letra da palavra da «Alegria» é tão simples, como isto: «**Respondei»**. Poderíamos dizer: ‘*Correspondei*’, porque no fundo é assim que somos e estamos diante de Deus: somos resposta ao seu amor!

**2.** Na verdade, Deus atrai-nos para Ele, no seu amor. Atrai-nos a todos, sem aceção de pessoas. Não há no coração de Deus, qualquer alfândega, que deixe do lado de fora, sem resposta, algum dos seus filhos, por falta de condições ou de curriculum. A todos, Deus ama e chama! A todos acolhe e escolhe, no seu Amor. O seu Espírito Santo habita cada pessoa, criada à sua imagem e semelhança e por isso desce e permanece tanto sobre judeu, como sobre os pagãos, tantos sobre os cristãos como sobre todos aqueles que O procuram de coração sincero. Vimo-la na primeira leitura! Quem responde e corresponde ao amor de Deus, convertendo-se a Cristo, não pode deixar de ser acolhido na comunidade dos crentes, através do Batismo, pois Deus não faz aceção de pessoas!

**3.** Por isso, este é o desafio, que nos é colocado: «**Respondei**». Isto significa: «não deixeis sem resposta, quem vos faz uma pergunta, quem vos bate à porta, quem procura um sentido para a vida, quem deseja um sacramento, quem pede uma bênção, quem busca uma orientação, ou consolo e esperança, na sua vida fatigante. Responder é não ignorar ninguém, é não deixar ninguém abandonado, marginalizado, esquecido. Respondei singifica: dai uma resposta, oferecei uma proposta, a quem vos perguntar sobre as razões da vossa esperança (I Pe.3,15)!

**4.** Mas este «**responde**i» da fé significa e implica também «**correspondei**» ao amor de Deus! Este amor divino primeireia-nos: «*não fomos nós que amamos a Deus foi Ele que primeiro nos amou*» (I Jo.4,10), ou dito de outro modo «*não fostes vós que me escolhestes, fui Eu que vos escolhi e chamei*» (Jo.15,16). Amar a Deus e amar o próximo não é senão, em primeiro lugar, deixar-se amar por Deus, e, em resposta, corresponder ao amor recebido: «*se Deus nos amou tanto, também nós devemos amar-nos uns aos outros*», diz São João (I Jo.4,11). Para permanecer neste amor - caríssimos noivos - não basta soprar o fogo sobre as cinzas dos sentimentos, com palavras românticas, é preciso cumprir os mandamentos, porque me devo ao outro, porque o outro é sempre um imperativo de amor, para mim. Para permanecer neste amor, fiel, generoso, não é suficiente “*gostar tanto assim de alguém como* tu”. É preciso permanecer em Deus, é preciso viver enraizado na amizade com Cristo, é preciso alimentar-se na seiva do Espírito Santo, que circula em nós pelos sacramentos. É, na verdade, este Deus-Amor, que nos torna capazes de amar, como Ele nos amou, até ao fim. Não se pode amar como Ele, sem Ele.

**5.** Caríssimos noivos: vós preparais-vos para responderdes um “sim”, irrevogável e definitivo, ao amor de Deus em vós e por vós. Pelo vosso “sim”, respondereis um ao outro e correspondereis ao “sim” que Deus primeiro pronunciou a vosso favor. O vosso “sim” exprimirá o consentimento livre que dais ao chamamento gratuito de Deus, que primeiro vos amou e escolheu. Também a vós, eu desafio: «Respondei “sim”com alegria, com confiança. Admiramos a vossa coragem, para vos amardes, como Cristo amou a Igreja, para levardes este tesouro do amor divino, nos vasos de barro da vossa humanidade. Deus vos abençoe mil vezes por isso! Vós que recebeis esta grande bênção do amor, correspondei a Deus com a beleza do vosso amor. Porque amor com amor se paga! Ou dito, de modo mais belo e mais gratuito: o amor basta ao amor! No final destes encontros posso pôr na minha boca as palavras de Jesus: “Disse-vos estas coisas, para que a vossa alegria seja completa” (Jo.15,11). “Sereis felizes, se o puserdes em prática” (Jo.13,17)!

**HOMILIA NOS 25 ANOS DE MATRIMÓNIO**

*“Não fostes vós que Me escolhestes!*

*Fui Eu que vos escolhi e enviei, para que vades e deis fruto*

*e o vosso fruto permaneça”! (Jo.15, 16)*

**1.** Vinte e cinco anos depois, apresentais-vos, de novo, diante do altar de Deus, diante da sua Igreja! Viestes para confirmar aquela primordial eleição de Deus, que, por amor e no amor, vos chamou ao amor! E neste amor conjugal, expressão por excelência do Seu amor por nós, Deus vos consagrou, como marido e esposa. Foi uma escolha livre e arriscada, da parte de Deus, à qual vós destes o vosso livre assentimento e o vosso pleno consentimento! Chamados por Deus, fostes então enviados, pela Igreja, ao mundo, para serdes testemunhas daquela “*máxima amizade*”, que é o casamento, enquanto “*plena e total comunhão de vida e de amor*” que abarca e abraça a comunhão de pensamento, de sentimento e de vontade entre ambos. Hoje, já não vos apresentais aqui e apenas, com o sentimento ou a centelha inicial desse amor. Não trazeis tampouco as primícias desse amor, com os primeiros sinais de vida e de esperança. Hoje apresentais-vos, diante de Deus e da sua Igreja, com uma história já corrida e percorrida, de 25 anos, num amor, mais amadurecido, e que frutificou, particularmente, em beleza e riqueza, no dom das vossas duas filhas, como “*ramos de oliveira ao redor da vossa mesa*”.

**2.** A mesma palavra de Jesus, há mais de 2000 anos, há 25 anos e hoje, renova-se, como em cada dia, que nasce: “*que vades e deis fruto*”. É sempre preciso ir e sair de si mesmo, partir, deixar e largar. Ir e partir para além de si próprio. Sair de si mesmo, ao encontro do outro, para poderdes dar fruto. E um fruto que permaneça! E o único fruto que permanece é o amor. O amor é o que fica de tudo o que passa!

**3.** Caríssimos esposos: Nas palavras do Evangelho, Jesus compara o fruto do amor ao das uvas, que brotam da videira, com as quais se prepara o vinho! O vinho, tal como o amor, requer um lento processo de maturação! Para que as uvas possam amadurecer e tornar-se boas, é preciso o sol, mas também é necessária a chuva, é precisa a luz do dia, mas também a frescura da noite. Para que deem um vinho de qualidade, as uvas precisam de ser pisadas, e há depois que aguardar com paciência a sua fermentação. É preciso seguir com cuidadosa atenção, os processos de maturação. Características do vinho de qualidade são não só a suavidade, mas também a riqueza das tonalidades, o variegado aroma que se desenvolveu nos processos da maturação e da fermentação.

**4.** Pergunto-vos: E, por acaso, não constitui tudo isto uma imagem da vida humana e, de modo muito particular, da maturação do amor e da vossa vida matrimonial? Precisastes do sol e da chuva, da serenidade e da dificuldade, das fases de purificação e de prova, mas também dos tempos de caminho feliz, prazeroso e radioso, em comum, para amadurecer e frutificar no amor! O bom vinho é sempre mais precioso, à medida que envelhece; o bom vinho é, pois, a imagem do amor que amadurece e frutifica: este é o verdadeiro fruto que permanece, aquele que Deus quer de nós.

**5.** Num olhar de retrospetiva, agradecei a Deus, por ambas as coisas: pelas dificuldades e pelas alegrias, pelas horas escuras e pelas horas felizes. Em tudo haveis de reconhecer a presença contínua do seu amor, que incessantemente vos conduz e sustenta! Deixai então que Ele aceite e transforme, como nas bodas de Caná, a água de uma vida, de rotina e sem sabor, no vinho novo da alegria, de uma vida em abundância, porque cheia dos belos frutos, que só o amor pode dar!

**Homilia no VI Domingo de Páscoa B 2012 – Festa da Vida – Missa das 16h30**

**1.** «*Já não vos chamo servos; chamo-vos amigos*». É uma declaração de amizade, que verdadeiramente nos move e comove! Jesus é nosso amigo! E a gente nem sabe bem porquê. Porque nos escolheu a nós, mesmo sem O acolhermos ainda. Ele é o amigo por excelência. Ele quer ser e fazer de ti, “*o amigo*”, o companheiro, o confidente. «*Chamei-vos amigos porque vos* *dei a conhecer tudo o que ouvi a meu Pai*». Jesus não guarda nada para si! A amizade é confidência. Mais do que simples sinceridade, ela é intimidade partilhada!

**2.** É, por isso, uma amizade generosa. Dá tudo e dá-se todo. Dá a vida pelos amigos! *«Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos amigos» (*Jo.15,14). É uma amizade autêntica. Não feita de meros sentimentos ou composta de belos discursos. Mas testemunhada em toda a sua vida.Jesus é um amigo atento a tudo o que é teu: *«Hoje quero ficar em tua casa»* (Lc.19,5),disse Ele a Zaqueu.Ele é conhecido como «amigo dos publicanos e pecadores» (Mc.2,16), que come com eles. É o amigo dos pobres e dos simples, a quem dá a Vida. Ele é o amigo que não passa ao lado da aflição, até em dias de festa e de casamento, como em Caná da Galileia (Jo.2,1-12)! É o amigo que tem todo o tempo para nos ouvir e escutar, como em casa de Marta e de Maria (Lc.10,38-41). O amigo, capaz até de chorar a morte dos amigos, como Lázaro (Jo.11,35). «*Vede como era seu amigo*», comentaram então os judeus (Jo.11,36). É o amigo das crianças que (?) ninguém quer por perto. É o amigo dos inimigos, com tempo ainda para olhar para o bom ladrão (Lc.23,42). O amigo das amigas, no caminho da Cruz (Lc.23,28). Jesus é também o amigo exigente, com as riquezas daquele jovem, para quem olhou com tanto amor (Mc.10,21), e a quem pediu nada menos do que tudo. Jesus é o nunca bastante!

**3.** Este amigo de Lázaro (Jo.11,5), de Zaqueu (Lc.19,7), de Pedro, Tiago e João, de Maria Madalena, de Susana e de Joana (Lc.8,2-3), dos discípulos perdidos de Emaús (Lc.24,13-33) é o amigo de Gonçalo, de Teresa, de Manuel e de Maria. É o teu amigo! Jesus é o teu amigo fiel: o seu amor permanece, para sempre!

**4.** É este amigo – caro adolescente - que urge descobrires! Este amigo «*bate à porta e chama*», quer «*entrar e cear*» contigo (Ap.3,20). E parece mendigar a tua atenção e a tua companhia. Serás tu mesmo seu amigo? Terás tu ainda tempo para Ele, tempo para o escutares, no quarto lá de casa ou aqui, à mesa da *Eucaristia*?

- “*Ando à procura de amigos*” - disse o Principezinho!

- “*Os homens agora já não têm tempo para conhecer nada*”! – disse a raposa – “*Compram as coisas já feitas nos vendedores. Mas como já não há vendedor de amigos, os homens não têm amigos.*”

Talvez, pela mesma razão, Senhor Jesus, tu terás tão poucos! Pelo menos, foi essa a causa principal, num recente estudo, que invocaram 35% dos portugueses, os teus amigos de ocasião, que deixaram a prática dominical!

**5.** Queridos adolescentes do 8.º ano: Ao colocar-vos no peito a cruz, lembrai-vos: no caminho da Cruz, apenas os amigos de Jesus se atreveram a ajudá-lo. Descido da Cruz, há alguns amigos verdadeiros, logo prontos a acolher o seu Corpo entregue. Ao receberdes hoje a Cruz, lembrai-vos que ela é o sinal e a prova de que «*não há maior amor, do que dar a vida pelos amigos*». A este gesto de amizade, sem par, dizei, de todo o coração a Jesus: «*Oh Jesus: amigos para sempre. Custe o que custar*”.

**Homilia no VI Domingo de Páscoa B 2012 | Sábado e Domingo, 19h00**

**1.** «*Já não vos chamo servos; chamo-vos amigos*» (Jo.15,15). É uma declaração de amizade, feita por Jesus, na hora da sua Paixão! Jesus é nosso amigo! Ele quer ser e fazer de ti, de mim, de cada um de nós, “*o amigo*”, o companheiro, o confidente, numa experiência discreta, inscrita e aberta no próprio coração. Jesus diz-nos, com ternura na voz: “*A vós chamei-vos amigos, porque vos* *dei a conhecer tudo o que ouvi a meu Pai*” (Jo.15,15). Ele conhece-me pelo meu nome! Não sou um ser anónimo qualquer, na infinidade do universo! Conhece-me, de modo muito pessoal. A sua amizade torna-se confidência de pensamentos, intimidade partilhada!

**2.** É, além disso, uma amizade generosa. Dá tudo e dá-se todo: *«Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos amigos» (*Jo.15,14). É, pois, uma amizade autêntica. Não é feita de meros sentimentos! Por isso, pede reciprocidade, exige doação e não posse, é dom recebido e faz-se zelo pelo outro. Jesus revela-se um amigo atento a tudo o que é teu: *«Hoje quero ficar em tua casa»* (Lc.19,5),disse Ele a Zaqueu.Ele é conhecido como *«amigo dos publicanos e pecadores*» (Mc.2,16), que come com eles. Ele é o amigo que não passa ao lado da aflição, até em dias de festa (Jo.2,1-12)! É o amigo que tem todo o tempo para nos ouvir e escutar, como em casa de Marta e de Maria (Lc.10,38-41). O amigo, capaz até de chorar a morte dos amigos, como Lázaro (Jo.11,35). «*Vede como era seu amigo*», comentaram então os judeus (Jo.11,36). É o amigo das crianças que ninguém quer por perto. É o amigo dos inimigos, com tempo para falar ao bom ladrão (Lc.23,42). Ele é o amigo das amigas, no caminho da Cruz (Lc.23,28). Jesus é também o amigo exigente, do jovem rico, para quem olha com tanto amor (Mc.10,21), e a quem pede nada menos do que tudo. Jesus é o nunca bastante!

**3.** É este amigo, que urge descobrires! Tu conhece-l’O? Este amigo «*bate à porta e chama*», quer «*entrar e cear*» contigo (Ap.3,20). Serás tu seu amigo? Terás tu, ainda tempo para Ele, tempo para O conheceres, para O escutares, no silêncio do teu quarto lá de casa, ou aqui, à mesa da *Eucaristia*? **«***Quem encontrou um amigo, descobriu um tesouro*» (Sir. 6,14). Por isso, trata desta amizade com Cristo, na oração! Aí a tua vontade, crescendo, une-se à d’Ele: a sua vontade torna-se a tua! Leva esta amizade, a peito, na Eucaristia, e não te tornes um amigo de ocasião, sem uma hora, para Ele, num dia que é todo d’Ele. E vive também a amizade com Cristo, na amizade com os outros. Através dos amigos, procura o rosto do verdadeiro Amigo, como se dissesses ao teu melhor amigo: «*Quando olho para o teu rosto, para ti que me és tão querido, elevo o meu olhar Àquele que desejo atingir, unido a ti*» (São Pedro Damião).

**4.** Irmãos e irmãs: “*Ter um amigo é ter alguém por quem morrer*” (Séneca)! Este é afinal o segredo de Jesus, desvelado na cruz: «*ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos amigos*» (Jo.15,13)! Perante a abissal bondade da sua amizade, por nós, resta-nos rezar em surdina: “*Obrigado, Jesus, pela tua amizade! Ajuda-me a conhecer-Te cada vez melhor! Ajuda-me a identificar-me cada vez mais com a tua vontade! Ajuda-me a viver a minha existência, não para mim mesmo, mas a vivê-la juntamente con'Tigo para os outros! Ajuda-me a tornar-me cada vez mais teu amigo” (Bento XVI, Homilia, 29.6.2011)!*

**HOMILIA NO VI DOMINGO DE PÁSCOA B 2009**

**“Disse-vos estas coisas, para que a minha alegria esteja em vós**

**e a vossa alegria seja completa”!**

**1.** Num Discurso de despedida, cada palavra tem o seu peso e medida. E não podemos, aqui e agora, gravar uma a uma, cada uma delas. Fixemo-nos então e apenas, na finalidade clara que Jesus dá às suas palavras e aos mandamentos que nos confia: destinam-se a abrir aos homens a porta da alegria! Assim começou o evangelho, com a saudação a Maria: “*Alegra-te, rejubila, ó cheia de graça*”. E assim se finalizará a Boa Nova de Jesus, “*para que a sua alegria esteja em nós e a nossa alegria seja completa*”. Como era no princípio, é-o também no fim. O Evangelho, a que aderimos pela fé, é um eterno e verdadeiro hino de alegria!

**2.** Trata-se obviamente e sempre, da alegria de Deus próximo, que nasce e se faz homem, por nós, que morre e ressuscita, para nos dar vida. É o Deus que nos ama primeiro. Ama-nos, primeiro, no tempo, porque nos amou e Se entregou por nós, quando éramos ainda pecadores. Ama-nos primeiro, na qualidade e na intensidade desse amor, porque nos amou até ao fim, dando a própria vida. Ora, a fonte da alegria cristã é esta certeza de sermos amados e esperados por Deus, amados pessoalmente e pelo nosso Criador; somos amados e desejados por este Deus, com a paixão de um verdadeiro amor, um amor apaixonado e fiel, um amor sempre maior que as nossas infidelidades e pecados. É um amor que perdoa! (cf. DCE 10). Isto mesmo devia constituir o centro da nossa fé e a causa da nossa alegria!

**3.** Não raro, porém, a fé cristã é reduzida a um “conjunto de preceitos e proibições”, e vista como inimiga do prazer e da alegria de viver. Especialmente os nossos adolescentes e os jovens, que sentem, dentro de si, bem viva a chama do amor, têm necessidade de ser libertados do preconceito, segundo o qual o cristianismo, com os seus mandamentos e as suas proibições, coloca demasiados *obstáculos à alegria do amor*. Há mesmo quem julgue que o cristianismo impede de apreciar plenamente aquele gozo e felicidade, que o homem e a mulher encontram no seu amor recíproco. Pelo contrário, *a fé e a ética cristãs não querem sufocar o amor, mas torná-lo sadio, forte e verdadeiramente livre*! De facto, sabemo-lo bem, o amor humano tem necessidade de ser purificado, de amadurecer, e também de se superar a si mesmo, para poder tornar-se plenamente humano, para ser princípio de uma alegria verdadeira e duradoura, para responder àquele desejo de eternidade que a pessoa traz dentro de si e ao qual não pode renunciar.

**4.** Queridos irmãos e irmãs: esta certeza e esta alegria de ser amados por Deus deve ser comunicada e partilhada sobretudo às jovens gerações, que estão a entrar no mundo da fé. Em particular, procuremos transmitir a alegria mais profunda, a de ter conhecido Deus e o seu amor, em Cristo. Nisto, nos sirva de guia e exemplo, a Virgem Maria: Ela fez uma verdadeira viagem da alegria, quando partiu ao encontro da prima Isabel, para partilhar o dom do Filho. Em Caná da Galileia, aceitou “fazer festa com quem fazia festa” (cf. Rom.12,15), rejubilou, dançou, saboreou o vinho novo. Deste modo nos mostrou que o melhor serviço à alegria é compartilhá-la. E desde que foi elevada ao Céu, Maria distribui alegrias pelo mundo inteiro, tornando-se a grande Consoladora, a Mãe que transmite alegria, confiança e bondade, e que nos convida, também a nós, a anunciar a alegria!

**5.** No serviço à alegria, descobrimos um dos modos mais delicados de Deus cuidar de todos nós. Seja então este é o verdadeiro compromisso destes dias (de festa): levar a alegria aos outros: com um sorriso, com um gesto bom, com uma pequena ajuda, com um perdão. Levemos esta alegria, e o júbilo distribuído voltará multiplicado para nós.

E oremos para que, na nossa vida, transpareça esta presença da alegria libertadora de Deus, como em Maria!

**HOMILIA NO VI DOMINGO DE PÁSCOA B 2006**

**«Deus é Amor!**

**Quem permanece no amor, permanece em Deus e Deus nele!»**

(1 Jo. 4, 16)

“*Estas palavras da I Carta de São João exprimem, com singular clareza, o centro da fé cristã*” (DCE 1). Disso nos apercebemos bem, ao comentar, de preferência, a segunda leitura, ao longo destes domingos de Páscoa. Talvez hoje pudéssemos arrumar e aclarar algumas ideias, para captar a beleza, o alcance e a exigência deste Amor de Deus, que está também no centro das reflexões da primeira Encíclica de Bento XVI.

**1.** A primeira coisa muito simples a dizer é que «**não há amor a Deus, sem amor ao próximo**». Isso parece… e aparece hoje bem claro a toda a gente. Disse-o muito bem São João: «*Se alguém disser «eu amo a Deus» e odiar o seu irmão, é mentiroso, pois quem não ama o seu irmão que vê, como pode amar a Deus, que não vê*» (I Jo.4,20). De certo modo o Apóstolo quis dizer-nos: “O amor a Deus exige tão estreitamente o amor ao próximo, que a afirmação do amor a Deus se torna uma mentira, se o homem se fechar ao próximo ou o odiar. O amor ao próximo é uma estrada para encontrar também a Deus. Nesse sentido, fechar os olhos diante do próximo torna-nos cegos também diante de Deus” **(DCE 16).**

**2.** Mas já não é tão simples dizer hoje “alto e bom som”, que «***não há autêntico amor ao próximo, sem amor a Deus*» ou que «*não há autêntico amor ao próximo, sem o amor de Deus***»! Teríamos logo, em cima de nós, os descrentes, os ateus, os não praticantes, e eu sei lá quem mais, a dizer que, apesar da sua descrença ou desinteresse por Deus ou pela Igreja, eles nos batem em todos os recordes da filantropia, do humanismo cristão, do amor ao próximo e da caridade! Ora para «amar de verdade», não é possível *«amar o próximo*» (todo e qualquer próximo, toda e qualquer pessoa!), sem que o «*amor de Deus*» nos tenha tocado e nós lhe tenhamos correspondido! É que, sem Deus ou fora de Deus, o meu amor ao próximo não chegará nunca ao ponto de «*amar o inimigo*» ou até mesmo de «*amar o desconhecido*». “Só em Deus e com Deus, é que Eu amo, a pessoa que não me agrada, ou que nem sequer conheço. Isto só é possível acontecer a partir do encontro íntimo com Deus” (DCE 18). Se chego a encontrar e a experimentar o amor de Deus por mim, chego também a sentir que esse amor de Deus transforma a minha vontade e os meus sentimentos. Então “aprendo a ver aquela pessoa, já não somente com os meus olhos e sentimentos, mas segundo o olhar e os sentimentos de Jesus Cristo. O seu amigo é meu amigo” (DCE 18). Isto significa, por exemplo, que “para além do aspeto exterior do outro, dou-me conta de que ele espera de mim um gesto de amor, de atenção! Esse gesto eu não lhe faço chegar somente através das organizações ou instituições de caridade. Eu vejo o outro com os olhos de Cristo e posso dar ao outro, muito mais do que as coisas externamente necessárias: posso dar-lhe o olhar de amor de que ele precisa” (DCE 18).

**3.** Isto mesmo devia distinguir a prática da caridade nas **instituições da Igreja**! “Não se deviam limitar a executar habilidosamente a ação conveniente naquele momento, mas dedicar-se ao outro, com as atenções sugeridas pelo coração, de modo que o doente, o pobre, o só, sinta a sua riqueza de humanidade. Para isso se requer, além da formação profissional, também e sobretudo a «*formação do coração*»: é preciso levá-los àquele encontro com Deus, em Cristo, que neles suscite o amor e abra o seu íntimo ao outro! Se assim for, então o amor do próximo já não é, para eles, um mandamento imposto de fora, mas uma consequência resultante da sua fé, que se torna operativa pelo amor” (DCE 31).

**4.** “Aqui se vê bem a interação que é necessária entre o amor a Deus e o amor ao próximo, de que fala com tanta insistência a I Carta de João, ou a interação entre Oração e Boa ação, entre a Eucaristia e a Caridade: Se na minha vida falta totalmente o contacto com Deus, posso ver no outro sempre e apenas **o outro** mas jamais consigo reconhecer nele a **imagem de Deus**. Mas, se na minha vida desprezo completamente a atenção ao outro, importando-me apenas com ser «***piedoso***» e cumprir os meus «**deveres religiosos**», então definha também a minha relação com Deus. Neste caso, trata-se duma relação «**correta**», mas sem amor. Só a minha disponibilidade para ir ao encontro do próximo e demonstrar-lhe amor, é que me torna sensível também diante de Deus” (DCE 18).

**5.** Foi assim com os Santos — pensemos, por exemplo, na Beata Teresa de Calcutá ou no Padre Américo! Eles beberam e encontraram toda a sua capacidade de “amar o próximo, e de modo sempre renovado, a partir do seu encontro com o Senhor na Eucaristia. E, por outro lado, este encontro ganhou o seu realismo e profundidade, precisamente no seu serviço aos outros” (DCE 18). **Por que havia de ser diferente connosco?**

**Homilia no VI Domingo de Páscoa B 2003**

**1.** Permanece ainda, neste Domingo, o verbo «*permanecer*». «Permanecer» é a palavra-chave do Discurso de Jesus, que hoje continuamos a ouvir. Agora Jesus explica-nos demoradamente que permanecer n’Ele significa também permanecer no seu Amor. Jesus não nos pede apenas que amemos os outros, «como a nós próprios». Mas que amemos os outros, «como Ele próprio nos amou». Ele amou-nos primeiro e amou-nos até ao fim, dando a vida pelos seus amigos.

**2.** Podíamos, talvez, conjugar hoje o verbo «*permanecer*» com a solidez na amizade, com a fidelidade à palavra dada, com o amor conjugal, com o compromisso de serviço aos outros, com os propósitos de partilha que fizemos em relação a esta comunidade e aos seus projetos. Pois o problema, em todas as situações, não é o de começar por ser… batizado, por ser crismado, por «ser» casado… por «estar» comprometido… por dar para as obras da paróquia, por ser amigo. O problema é sempre o da estabilidade no serviço, o da constância no compromisso, o da continuidade na partilha, o da fidelidade à palavra dada, o da resistência à erosão do tempo, especialmente na relação conjugal e até na amizade pessoal.

**3.** Todas estas realidades parecem hoje estar feridas de morte, pela ameaça de um «prazo», de uma «condição prévia», de um certo tempo, até o apetite se esgotar, até o desejo esmorecer, até a vontade se apagar, até «o amor morrer» … ou pior ainda «enquanto der e apetecer». Deste modo, o amor torna-se «descartável», o serviço «dispensável», o casamento «insustentável», reduzido, quantas vezes a um contrato a prazo, a uma sociedade com fins lucrativos. Sobretudo no âmbito das relações humanas, impõe-se-nos hoje uma purificação dos afetos, uma aprendizagem nova do verbo amar, conjugada não só no presente, como também no futuro, para assim se encontrar a **completa alegria** de que Jesus nos falava e prometia.

**4.** Ela alcança-se pela «**permanência» no amor**, no «serviço» aos outros, na «relação» de casamento ou de amizade. Como educar hoje para esta alegria completa?

4.1. Em primeiro lugar, convencermo-nos de que só o espírito de serviço e a disponibilidade para o sacrifício, iniciam naquela alegria, que rejubila por ver os outros contentes, por ver as iniciativas a funcionarem bem, por sentir a sua família a crescer, a sua escola a evoluir, a sua empresa a progredir, a sua comunidade cada vez mais viva. É uma alegria de todo desconhecida para aqueles que apostam em nada fazer, sem nada acabar, em nada se comprometer.

4.2. Em segundo lugar, vencer, de vez, o medo do futuro, tão medonho nos pais, terrível nos filhos. Tal sentimento deve ser contrariado por uma educação que testemunhe a **alegria que vem do que é definitivo**. Uma vida cumpre-se, quando se define numa dedicação: a escolha definitiva deve ser desejada como verdadeira via de paz, como entrada na idade adulta e nas suas responsabilidades.

**5.** São felizes os pais que, com a fidelidade permanente do seu amor, ensinam que **o caráter definitivo** de um compromisso, de uma entrega e de uma relação de amor, **é uma graça** e não um perigo a temer; não é uma limitação da liberdade, a retardar o mais possível. Perigosa e fonte de inquietações é, ao contrário, a precariedade, a provisoriedade, o esmorecimento, que deixam os jovens estacionados na vida, incertos da sua própria identidade e assustados com o seu futuro.

Como vedes, irmãos, o mais difícil, em tudo e sempre, é «permanecer». «*Permanecer*» é, ao mesmo tempo, o problema, o segredo e a solução. «*Só quem permanece no amor, é que permanece em Deus!*

## Homilia no VI Domingo de Páscoa B 2000

# 1. **«*Já não vos chamo servos; chamo-vos amigos*». É uma declaração de amizade, que verdadeiramente nos comove! Jesus é nosso amigo! Talvez uma das coisas mais realmente extraordinárias, de que nos tenhamos esquecido! Ele é o nosso amigo! E a gente nem sabe porquê. Porque nos escolheu a nós, mesmo sem O acolhermos ainda. É o amigo por excelência. O amigo que não se põe em bico de pés, como se fôssemos *escravos*. Antes, se faz *Servo* de todos, para nos tornar capazes de coisas maiores do que Ele.**

# **Parece que naquela hora de despedida, Jesus não quer dizer nem pedir outra coisa aos discípulos, senão a amizade. Afinal escolhera-os – diz São Marcos - simplesmente “*para estarem com Ele*”! (Mc.3,14). Jesus não quer ser apenas o Filho de Deus, a quem professamos na fé; o Senhor, a quem servimos; o Messias, de quem tudo esperamos. Ele quer ser e fazer de nós “o amigo”, o companheiro, o confidente. «*Chamei-vos amigos porque vos* *dei a conhecer tudo o que ouvi a meu Pai*». Jesus não guarda nada para si. “A amizade é confidência. Mais do que simples sinceridade ela é intimidade partilhada”[[1]](#footnote-1).**

# 2. **É, por isso, uma amizade generosa. Dá tudo e dá-se todo. Dá a vida pelos amigos! *«Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos amigos» (*Jo.15,14). É uma amizade autêntica. Não feita de meros sentimentos ou composta de belos discursos. Mas testemunhada em toda a sua vida.Jesus é um amigo atento a tudo o que é teu: *«Hoje quero ficar em tua casa»* (Lc.19,5),disse Ele a Zaqueu.Ele é conhecido como «amigo dos publicanos e pecadores» (Mc.2,16) que come com eles. É o amigo dos pobres e dos simples, a quem multiplica o pão e o peixe (Jo.6,1-15) e a quem dá a Vida. É o amigo atento às crises e tempestades (Lc.8,1-3), presença discreta quando é precisa, a calar fundo os gritos do medo e do mar, que sacodem a nossa alma, como na travessia difícil do lago da Galileia. Ele é o amigo que não passa ao lado da aflição, até em dias de festa e de casamento, como em Caná da Galileia (Jo.2,1-12)! É o amigo que tem todo o tempo para nos ouvir e escutar, como em casa de Marta e de Maria (Lc.10,38-41). O amigo, capaz até de chorar a morte dos amigos, como Lázaro (Jo.11,35). «*Vede como era seu amigo*», comentaram então os judeus (Jo.11,36). É o amigo das crianças que ninguém quer por perto. É o amigo dos inimigos, com tempo ainda para olhar para o bom ladrão (Lc.23,42). O amigo das amigas, que, no caminho da Cruz, não pede às mulheres lamentos, mas oração pelos pobres pecadores (Lc.23,28). É o amigo capaz de perdoar e chamar de novo, coração a coração, como a Pedro, que lhe declara em triplicado a amizade três vezes negada por Ele (Jo.21,15 ss). Jesus é também o amigo exigente, como o foi com o silêncio sacrificado de Maria (Mc.3,35), com as pretensões inconscientes de Tiago (Mc.10,39), com os serviços apressados de Marta (Lc.11,38-41), com as riquezas daquele jovem, para quem olhou com tanto amor (Mc.10,21), e a quem respeitou profundamente. Jesus é o nunca bastante!**

# 3. **Este amigo de Lázaro (Jo.11,5), de Zaqueu (Lc.19,7), de Pedro, Tiago e João, de Maria Madalena, de Susana e de Joana (Lc.8,2-3), dos discípulos perdidos de Emaús (Lc.24,13-33) é o amigo de Gonçalo, de Teresa, de Manuel e de Maria. É o teu amigo!Jesus é o teu amigo fiel: *o seu amor permanece para sempre*! *«Jesus era muito amigo de Marta, da sua irmã e de Lázaro»* (Jo.11,5).Jesus é muito teu amigo!**

**4.** É este amigo que urge descobrir. É este amigo que «bate à porta e chama», que quer «*entrar e cear*» contigo, (Ap.3,20). E parece agora mendigar a nossa atenção e a nossa companhia. Será ele o nosso amigo? Neste ano da «Eucaristia», ele é o «Amigo» que se senta à mesa contigo e te senta com Ele. Encontremo-nos com este Amigo. Demos-lhe mais do que dois dedos de conversa, mãos cheias de amor. Uma mão estendida para a Comunhão. Outra mão erguida para a Adoração.  *(pode omitir-se* **- “*Ando à procura de amigos*” - disse o Principezinho!**

**- “*Os homens agora já não têm tempo para conhecer nada*”! – disse a raposa – “*Compram as coisas já feitas nos vendedores. Mas como já não há vendedor de amigos, os homens não tem amigos*”[[2]](#footnote-2). Talvez pela mesma razão, Senhor, tu terás tão poucos!...**

**Homilia no VI Domingo de Páscoa B 1997**

“*O que vos mando é que vos ameis uns aos outros*”! Disse Jesus. “*Amemo-nos uns aos outros*”! Insistia o Apóstolo João.

E que mais seria preciso acrescentar, se só o amor basta ao amor? Nunca uma página do Evangelho dispensaria tão facilmente um comentário, como esta que acabámos de ouvir. Em clima de despedida, Jesus confia aos discípulos os segredos do seu coração. E chama-os ao amor. Já, no limite da idade, o Apóstolo ensina com sabedoria de ancião, a lição primeira da Páscoa: o amor. Mas a palavra do amor tão gasta e poluída, tão comprada e possuída, tão desfigurada e repetida, perdeu o sentido da sua origem e a forma perfeita da sua medida. Torna-se, então, imperioso, beber nas fontes do Evangelho, para purificar a nossa consciência e refrescar a nossa experiência do amor.

**1.** *Amemo-nos uns aos outros, porque o Amor vem de Deus*. Vem de Deus e não de nós! Está em nós, mas foi-nos dado. É algo que não resulta do nosso esforço ou da nossa vontade. Vem do Alto. De Deus. D’Ele o recebemos. E por isso, só na medida em que O acolhemos, é que O podemos dar. Porque ninguém dá aquilo que não tem. E o amor não se tem se não se recebe! Porque vem de Deus... Tem aí a sua origem e a sua fonte! Sem este sentido do amor, como realidade divina na vida humana, está cavado o precipício, para onde derrapam todas as caricaturas do amor: o *mero sentimento* que permanece apenas enquanto dura a boa vontade, o *afeto apaixonado* que resiste na medida da satisfação e do interesse pessoal, ou pior ainda, o *simples jogo de prazer* que dura tanto quanto o instante em que acontece! Ora o amor que vem de Deus, mais do que um sentimento, é um Dom, mais do que um afeto, é uma graça, mais do que um jogo, é uma relação. De modo, que só experimentando ser amado por Deus, o Homem se torna-se capaz de amar os outros e de amar a Deus, de conhecer a Deus e amar os irmãos. *Quem não ama, não conhece a Deus, porque Deus é Amor!...*

**2.** O Amor que vem de Deus tem um rosto, tem um nome e tem uma forma: Jesus Cristo. Só no testemunho de Cristo, o cristão percebe a altíssima dimensão do amor. O amor, que vem de Deus, não tem as nossas medidas. Não tem mesmo medida. A medida do amor é amar sem medida! Jesus di-lo: «*Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos amigos*».

O amor foi-nos dado para ser dado. É Dom de Deus para se tornar Dom aos outros. Por isso, a referência do amor cristão é a entrega de Cristo. «*Nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi Ele que nos amou e enviou o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados*». Antes da nossa resposta ao amor de Deus, Ele amou-nos gratuitamente, incondicionalmente, desinteressadamente... amou-nos por Amor.

**3.** O amor de Deus em nós não é «um dado natural». Há de purificar-se dia a dia, para se tornar mais autêntico e crescer; há de comprometer-se no Dom e no serviço, para amadurecer e frutificar. «*Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; se alguém me ama, guardará a Minha Palavra*». Disse Jesus. Sem estas regras práticas de vida, o amor degenera num sentimentalismo oco ou romântico, num discurso falso ou vazio. Nos tempos que correm, fala-se do amor como coisa «natural» e acusa-se até a Igreja de querer pôr freios a esse tipo de amor... E esquecemo-nos que também o coração tem as suas astúcias. Esquecemo-nos que a carne traz a marca do pecado. Esquecemo-nos que a nossa frágil humanidade está chamada a libertar-se de egoísmos ocultos, de imperfeições subtis, para crescer até à medida de Jesus Cristo. Examinemo-nos, pois, à luz de Deus, sobre a consciência e a prática do amor, para que a alegria do Senhor esteja em vós e a vossa alegria seja completa!...

**Homilia no VI Domingo de Páscoa B 1994**

**1. DA CULTURA DA CURTIÇÃO**

Nas ruas da Cidade, um anúncio publicitário diz: «*Sexo. Será que alguma vez é de mais*»? Eis nesta pergunta a amostra mais evidente, o apelo mais descarado, da chamada «cultura da curtição». Trata-se de viver a vida sem valores, sem projeto nem futuro, mas apenas no gozo egoísta, no desfrutamento individual, no prazer próprio. Nesta «onda» até o «corpo» é reduzido a material de consumo. Nem o corpo vive do espírito nem o espírito vivifica o corpo. A pessoa torna-se objeto. A sexualidade humana é apenas um jogo de prazeres individuais, um campo de manipulação e desfrutamento e nunca uma realidade de comunhão e assombro para o Homem. O chamado «sexo seguro» esvazia a pessoa da sua mais profunda dignidade interior, ao reduzi-la a «moeda de troca». O Amor é reduzido a mera satisfação da concupiscência, isto é, do apetite sexual, reduzido ainda ao mero «uso» recíproco do Homem e da Mulher. Enfim, esta cultura da curtição reduz o amor a sexo, o sexo a prazer e o prazer a consumo. A Mulher torna-se um objeto para o Homem, os filhos um obstáculo para os pais e a família uma instituição embaraçante para a liberdade dos membros que a constituem.

**2. À «CIVILIZAÇÃO DO AMOR»!**

É no seio desta «cultura da curtição» que se torna imperiosa a edificação da «civilização do Amor». Esta civilização do amor, parte, antes de mais, da descoberta de Deus como Deus do Amor. Pois é neste mistério do amor de Deus que o homem nasce, dele vive e para ele é chamado e, portanto, só nele (no amor de Deus) se realiza. Criado à imagem de Deus-Amor, o homem e mulher só se realizam no Amor: no Amor de Deus que se manifestou em Jesus Cristo, como «**dom**», «**gratuidade**», «**comunhão**». Só vivendo o amor no dom de si e no acolhimento do outro, numa autêntica comunicação de amor (que gera a comunhão), à maneira de Deus, o Homem pode ser feliz. Face a uma cultura que reduz o amor ao seu lado erótico, ou a um mero sentimento humano, Jesus, nas suas últimas palavras, propõe como meta o «Amor». Amor que é **Caridade**, amor que vem de Deus, que é gerado por Ele no coração dos Homens, pela força do seu Espírito. Este Amor manifesta-se primeiramente no **dom sincero de si mesmo**. «*Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a Vida*»! Aquele que «ama» deixa-se amar por Deus e vai ao encontro do outro como alguém a quem amar, dando e recebendo. Quem ama está em comunhão afetiva e efetiva, sentimental e real, com o outro. **Amar significa dar e receber aquilo que não se pode comprar nem vender, nem usar, mas livre e reciprocamente oferecer.**

Nesta perspetiva, o Outro é sempre para nós apelo a uma relação de comunhão, os filhos um dom desta relação e a família o santuário da vida, a «fortaleza» onde o belo amor encontra o seu espaço vital.

Caríssimos: Disse-vos estas coisas, para que descubrais na entrega, no serviço, na doação, o verdadeiro rosto do amor, desse amor belo e escondido que a todos nos chamou à vida, sem o qual jamais alguém pode ser feliz. Digo-vos estas coisas para que a alegria do Senhor esteja em vós e a vossa alegria seja completa. É Páscoa. Na hora da passagem, o Senhor deixou-nos em poucas palavras, o testemunho e o testamento do seu amor: «*O que vos mando, é que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei*».

**Bento XVI, sobre a amizade, Homilia, 29.6.2011**

O que é verdadeiramente a amizade? Querer as mesmas coisas e não querer as mesmas coisas: diziam os antigos. A amizade é uma comunhão do pensar e do querer. O Senhor não se cansa de nos dizer a mesma coisa: «Conheço os meus e os meus conhecem-Me» (cf. *Jo* 10, 14). O Pastor chama os seus pelo nome (cf. *Jo* 10, 3). Ele conhece-me por nome. Não sou um ser anónimo qualquer, na infinidade do universo. Conhece-me de modo muito pessoal. E eu? Conheço-O a Ele? A amizade que Ele me dedica pode apenas traduzir-se em que também eu O procure conhecer cada vez melhor; que eu, na Escritura, nos Sacramentos, no encontro da oração, na comunhão dos Santos, nas pessoas que se aproximam de mim mandadas por Ele, procure conhecer sempre mais a Ele próprio. A amizade não é apenas conhecimento; é sobretudo comunhão do querer. Significa que a minha vontade cresce rumo ao «sim» da adesão à d’Ele. De facto, a sua vontade não é uma vontade externa e alheia a mim mesmo, à qual mais ou menos voluntariamente me submeto ou então nem sequer me submeto. Não! Na amizade, a minha vontade, crescendo, une-se à d’Ele: a sua vontade torna-se a minha, e é precisamente assim que me torno de verdade eu mesmo. Além da comunhão de pensamento e de vontade, o Senhor menciona um terceiro e novo elemento: Ele dá a sua vida por nós (cf. *Jo* 15, 13; 10, 15). Senhor, ajudai-me a conhecer-Vos cada vez melhor! Ajudai-me a identificar-me cada vez mais com a vossa vontade! Ajudai-me a viver a minha existência, não para mim mesmo, mas a vivê-la juntamente convoco para os outros! Ajudai-me a tornar-me sempre mais vosso amigo!

**Amigos do peito, amigos na vida e na morte**

Uma forma essencial e vitalíssima [do] amor, que desafia a solidão e sobrevive às inclemências do tempo e da história, é a amizade. Falaremos disso, baseando-nos, naturalmente, na perceção bíblica da amizade, mas não deixando de alargar o horizonte em direção a outras visões espirituais e humanas desta virtude, que é, simultaneamente, um dom.

«De todos os bens que a sabedoria procura para a felicidade, o maior é a aquisição da amizade.» Esta é uma das Sentenças de Epicuro (n. 27), [que] exprime de maneira lapidar o apreço constante que o amor amical gozou em todas as culturas, a ponto de constituir uma tipologia literária, filosófica e psicológica, propriamente dita. A Bíblia celebra, repetidamente, esta relação «absolutamente indispensável à vida, porque sem amigos ninguém quereria viver, embora rico de todos os outros bens»: Ben Sira teceu um elogio da amizade, propriamente dita (6,5-17; cf. 37,1-6), elaborando, entre outras coisas, a frase proverbial, segundo a qual «quem encontrou um amigo, descobriu um tesouro» (6,14).

Emblemática é a figura amical, encarnada por David e Jónatas (...). Também é fácil evocar a amizade de Cristo para com os seus discípulos, chamados «amigos», e não «servos» (Jo 15,14-15). Poderíamos apresentar outros exemplos históricos de amizade, a partir do já mencionado vínculo de Paulo a Timóteo, a Tito, a Filémon e aos Filipenses, para passar através da relação entre São Francisco e Santa Clara, entre São Jerónimo e Santa Paula e Eustóquio, entre São Francisco de Sales e Santa Joana Frémiot de Chantal, acrescentando ainda a amizade entre Hans Urs von Balthasar e Adrienne von Speyr, exemplos em que também é significativa a complementaridade dos dois sexos.

Contudo, embora tenha uma componente sentimental, a amizade ultrapassa a sexualidade e o eros; supera o utilitarismo e o interesse, e instala-se no campo da livre doação, da comunhão e da intimidade de vida e de experiência. É por isso que Aristóteles a coloca, sobretudo, na esfera pessoal e na categoria da virtude. Aliás, Cícero declara no seu Lélio ou da amizade (c. 3) que «é a virtude que produz a amizade [...]. É uma aliança que oferece aos homens o melhor e mais feliz meio para caminhar juntamente em direção ao bem supremo».

Esta qualidade ética da amizade é definida por São Tomás de Aquino que, no entanto, reconduz o vínculo amical e uma dimensão mais ampla de cariz social, confirmando a tese, segundo a qual a amizade «é mais uma consequência da virtude do que uma virtude». Deste modo, emergem substancialmente **dois rostos da amizade**. O primeiro é o do diálogo e da comunhão interpessoal, gerado pela liberdade, pela simpatia, mas também pelo Espírito de amor, pela graça «caritativa». Por isso, há um aspeto de intimidade e de «solidão» entre os dois, já posto em evidência por Aristóteles e por Cícero e assim explicitado por Plutarco: «A amizade compraz-se com a companhia e não com a multidão [...]. Se se divide um rio em vários canais, o seu curso torna-se débil e enfraquecido. O mesmo acontece com a amizade: enfraquece, à medida que se divide.» Ao falar do vínculo com um amigo caríssimo já falecido, Agostinho afirma, nas Confissões: «Percebi que a minha alma e a sua [alma] eram uma só alma, em dois corpos; por isso, eu tinha horror à vida, porque não queria viver a meias» (4,6,2).

É um vínculo que, no fiel, se transforma na philadelphía, isto é, na fraternidade cristã. Pensemos na relação intensa de Santo Ambrósio com os irmãos carnais Sátiro e Marcelina. A propósito, São Bernardo de Claraval escreve coisas muito subtis, mesmo do ponto de vista psicológico, não só nos seus Sermões sobre o Cântico, mas também no seu epistolário. E confessa a Hermengarda, antiga condessa da Bretanha: «O meu coração está cheio de alegria, quando sei que o vosso está em paz; a vossa satisfação gera a minha; quando o vosso ânimo está bem, o meu sente-se cheio de saúde [...]. Sinto sempre maior alegria em visitar-vos, porque prefiro ver-vos ainda que só, de quando em quando, do que nunca ver-vos» (Carta 117). Ao contrário, o Padre da Igreja da Capadócia, São Basílio (séc. IV), nas suas Constituições monásticas, será severo ao denunciar o risco de amizades particulares e da formação de grupos, capazes de fracionar a vida comunitária.

Na verdade, é necessário conservar o equilíbrio entre as duas exigências. É legítimo que se componha o diálogo pessoal, que se faça uma vinculação mais estrita de ideais e de sintonias, a fim de que não degenere em exclusivismo e em mesquinhez e inveja. O escritor monástico João Cassiano (séc. IV), nas suas Conferências espirituais, distingue o agape – o amor sempre necessário a todos, a alma da existência pessoal e comunitária – da diásthesis, que é a amizade (ou «caridade afetiva») àqueles com quem se tem um vínculo mais direto. O elemento capital na amizade cristã é, precisamente, o reconhecimento que ela é um reflexo da amizade de Deus por cada uma das suas criaturas, e de Cristo pelos seus discípulos. É por isso que o escritor espiritual medieval inglês Aelredo de Rievaulx (1109-1167), no seu escrito clássico A amizade espiritual, está convencido de que, na relação amical perfeita, «o homem, mediante o amigo, torna-se amigo do Homem-Deus».

A amizade é um degrau da escada do amor, em direção a Deus; no rosto do amigo reflete-se o rosto de Cristo. É isto que já São Pedro Damião (1007-1072), cardeal e celebrado autor de textos teológicos, afirmava, escrevendo a um amigo: «Quando olho para o teu rosto, para ti que me és querido, elevo o meu olhar Àquele que desejo atingir unido a ti» (Carta 2,12). Desta maneira, configura-se aquela amizade espiritual ou mística que, pela sua natureza, se irradia na outra dimensão: a eclesial e social. Pelo contrário – como frequentemente se sublinha nos documentos do Concílio Vaticano II –, a amizade deve tornar-se uma modalidade de apostolado; a evangelização deve ser sustentada por uma atitude semelhante; a comunidade eclesial deve cultivar mais frequentemente, no seu interior, relações de amizade; o celibato e a virgindade do sacerdote e dos consagrados não são ofuscados, mas sustentados por uma amizade correta, tanto dos confrades como das consórores, mas também do exterior, com o povo de Deus; nesta linha, os grupos e os movimentos eclesiais têm um modo de exprimir-se e de operar eficazmente, mas precavendo-se para evitar exclusivismos e integralismos.

Poderíamos definir a amizade como um carisma pessoal que, como todos os carismas, só é dado para o bem comum, e animado pelo amor. Como se lê na Imitação de Cristo: «Não deves desejar que alguém esteja completamente preso, no seu coração, por ti, ou que o teu coração esteja totalmente preso pelo amor de alguma pessoa; mas faz com que reine Cristo, não só em ti, mas também em todas as pessoas justas» (2,8,3).

A amizade também tem um relevo social e político. Isto mesmo foi realçado de modo provocatório pelo jurista e filósofo alemão Carl Schmitt (1888-1985), também atento às questões teológicas (Teologia política, de 1922, e Teologia política II, de 1970). Na sua obra O conceito do político (1927), identificou a componente estrutural da política, precisamente, na relação de oposição «Freund-Feind» (amigo-inimigo) – tal como a relação «bom-mau» caracteriza a ética e o «belo-feio» caracteriza a estética. A política é uma relação que se instaura entre os homens, no momento em que surge a possibilidade de um conflito: o nexo político original funda-se na associação e na dissociação, que, por sua vez, se baseiam na amizade e na inimizade.

Mas Schmitt vai mais além e quer precisar o seu pressuposto numa base evangélica, remetendo para Mt 5,44: «Amai os vossos inimigos.» Contudo, faz notar que o texto grego usa o termo echtrós, em latim inimicus, e não polémios, isto é, hostis. Na sua opinião, a distinção é relevante. O inimigo político (hostis) não é aquele por quem nutrimos ódios privados (isto é, o inimicus), mas antes aquele contra quem travamos uma guerra. Por isso, Jesus limitar-se-ia a convidar ao amor que perdoa ao inimigo pessoal, o inimicus, como relativamente a vários aspetos sugeriam os preceitos epicureus ou aristotélicos. É muito diferente a questão relativa a hostis, o inimigo social, contra quem – ainda segundo Schmitt – é legítimo empreender a ação bélica que a política e o direito não podem nem devem excluir ou julgar, mas somente regulamentar. É sobre esta dialética entre amigos e inimigos que as comunidades nacionais regulam, interna e externamente, a sua história política. Deixando suspensa a discussão sobre esta visão, fazemos notar que a interpretação da passagem evangélica não tem bases filológicas nem ideológicas. De facto, de um lado, o grego bíblico (e o tardio) não conhece a distinção lexical evocada por Schmitt, pois o termo echtrós abrange não só o adversário privado, mas também o inimigo público. Depois, e por outro lado, a perspetiva do Sermão da Montanha tem um cariz radical e utópico, propondo um modelo que despedaça e supera aquele realismo político tão querido a Schmitt, na esteira de Maquiavel.

A tensão é pela plenitude do amor que ultrapassa a justiça retributiva, em todos os âmbitos, privado e comunitário, e se estende ao infinito de Deus, como se afirma no seguimento da frase sobre o amor aos inimigos: «Fazendo assim, tornar-vos-eis filhos do vosso Pai que está no Céu, pois Ele faz com que o sol se levante sobre os bons e os maus e faz cair a chuva sobre os justos e os pecadores» (Mt 5,45).

Concluímos a nossa breve reflexão sobre esta realidade humana tão preciosa (e frágil) com uma frase, existente num ensaio sobre a amizade, do filósofo americano Ralph Waldo Emerson (1803-1882): «O único modo de ter um amigo é ser um amigo». Por outras palavras: a verdadeira amizade é reciprocidade, sendo um dos muitos rostos do amor. E o amor exige doação, e não possessão, é dom recebido e é zelo pelo outro. Não foi por acaso que o poeta latino Horácio, numa das suas Odes (1,3,8), definiu o amigo como *animae dimidium meae* («metade da minha alma»), definição de cariz «nupcial» porque – como se dizia e como veremos imediatamente – amizade e amor brotam da mesma nascente, embora seguindo percursos autónomos.

Dom Gianfranco Ravasi

Presidente do Conselho Pontifício da Cultura

In *O que é o homem*?, Ed. Paulinas

**LECTIO DIVINA DE Jo.15,9-17**

**9** «Assim como o Pai me tem amor, assim Eu vos amo a vós.

**Permanecei** no meu amor. [ordem, mandamento]

**10** Se guardardes os meus *mandamentos*, [o mandamento principal é amar]

**permanecereis no meu amor**,

assim como Eu,

que tenho guardado os *mandamentos* do meu Pai,

também **permaneço** no seu amor.

**11** Manifestei-vos estas coisas,

para que esteja em vós a minha alegria,

[alegria pascal, que vem associada à paz]

e a vossa alegria seja completa.

[a alegria do Baptista ao receber o noivo;

a alegria daquele que semeia e daquele que colhe,

a alegria de ver Jesus na glória]

**12** É este o *meu mandamento*:

que vos ameisuns aos outros como Eu vos amei.

**13** Ninguém tem mais amor

do que quem dá a vida pelos seus amigos.

**14** Vós sois meus amigos, se fizerdes o que Eu vos *mando*.

**15** Já não vos chamo servos,

visto que um servo não está ao corrente do que faz o seu senhor;

mas a vós chamei-vos amigos, [eleitos de Deus… Rom.8,31]

porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi ao meu Pai.

**16** Não fostes vós que me escolhestes;

fui Eu que vos escolhi a vós

e vos destinei , [ideia de mandato, de missão]

a ir e a dar fruto e fruto que **permaneça**;

e assim, *tudo o que pedirdes* ao Pai em meu nome Ele vo-lo concederá.

**17** É isto o que vos *mando*:

que vos ameis uns aos outros.» [conjuntivo: amor mútuo e constante por toda a vida]

Estes versículos constituem um dos cumes de todo o Evangelho. O anterior apelo, permanecei em mim (v.1-8 nota), concretiza-se agora em permanecei no meu amor (v.9-10). A referência básica é o amor do Pai (v.9) e o amor de eleição de Jesus (v.16), que exigem uma correspondência de fidelidade aos seus mandamentos (v.10.12.14.17; 13,34; 14,15.21), constituem os discípulos numa relação totalmente nova, **a da amizade** (v.13-15; 13,34; 1 Jo 3,11), e conduzem à alegria (v.11; 16,24; 17,13; 1 Jo 1,4), à liberdade interior (v.15) e à fecundidade (v.16). Este amor divino é exigência de amor mútuo: como Eu vos amei (v.12), até dar a vida (v.13).

1. **LEITURA: Que diz o texto?**
2. Em que **contexto**, aparece este texto? Ele aparece-nos entre o fim do relato do lava-pés e o início do relato da Paixão. Entre as frases: “levantai-vos” (Jo.14,31) e “Jesus e os seus discípulos saíram dali” (Jo.18,1). Faz parte de um texto mais longo: Jo.15,1-17.
3. Ver o texto imediatamente anterior (Jo.15,1-8): alegoria da videira e dos ramos…
4. Que expressões passam de um texto para o outro? *Permanecer… dar fruto…*
5. Qual o estilo literário? É um Discurso de Despedida, que resume os ensinamentos de Jesus! Tem a força de um “Testamento” espiritual, o valor das últimas palavras… Vai ao essencial.
6. O que é essencial? O amor. De que amor fala Jesus? Do amor do Pai e do Filho…
7. Como se participa deste amor? Estando unidos a Jesus, como os ramos à videira! (cf. Jo.15,1-8)
8. Sublinhemos as palavras que mais se repetem? *Amor, permanecer, mandar e mandamento(s); fruto*…
9. Como se relacionam as palavras “*permanecer*”, “*amar*”, “*mandamento*”(s)? Permanecer em Cristo = significa permanecer no seu Amor = e isso implica observar os seus mandamentos.
10. O amor é apenas a seiva que os ramos recebem da videira, ou é também fruto da sua união? É também o fruto que dão aqueles que permanecem unidos à videira!
11. Como se traduz a amizade? Numa comunhão de pensamento / conhecimento («*dei-vos a conhecer tudo o que ouvi de meu Pai*»] e numa comunhão de vontade! «*se fizerdes o que vos mando*»… querer e não querer a mesma coisa…
12. A que nos envia Jesus? Partir e dar fruto. Aqui aprece claro o dinamismo da existência do cristão, do apóstolo.
13. Que tipo de fruto dá aquele que permanece em Jesus? Um fruto que permanece!
14. Como se poderia resumir a vida do discípulo, em Jo.15,1-17:

a) estar unido a Jesus;

b) guardar os seus ensinamentos / mandamentos / viver no amor de Deus

c) rezar ao Pai

d) dar fruto

1. **Meditação: Que me diz o texto?**

**Onde me interpela? Como se relaciona com a minha vida?**

***1. Que expressão mais me sensibiliza?*** Onde me sinto mais tocado?

***2. Que exigência maior me impressiona?*** Onde me sinto mais interpelado?

***3. Como é a minha amizade com Cristo?***

**a)** *Não existem segredos entre amigos*: Cristo diz-nos tudo quanto escuta do Pai; dá-nos toda a sua confiança e, com a confiança, também o conhecimento. Revela-nos o seu rosto, o seu coração. Mostra-nos a sua ternura por nós, o seu amor apaixonado que vai até à loucura da cruz. Estou disponível para O escutar? Tenho tempo para lhe falar?

**b)** Vivo a amizade com Jesus, como uma comunhão de vontade? Jesus define a amizade como *comunhão das vontades*. «Idem velle – idem nolle», (querer o mesmo e não querer a mesma coisa) era também para os Romanos a definição de amizade. «*Vós sereis Meus amigos, se fizerdes o que vos mando*» (Jo 15, 14).

***4. Sinto-me a graça de ser enviado a dar fruto?*** Devemos animar-nos nesta santa inquietação: a inquietação de levar a todos o dom da fé, da amizade com Cristo. Em verdade, o amor, a amizade de Deus foi-nos dada para que chegue também aos outros. Recebemos a fé para a dar a outros.

***5. E devemos dar um fruto que permaneça?*** Mas o que é que permanece? O dinheiro não. Os edifícios também não; muito menos os livros. Após um certo tempo, mais ou menos longo, todas estas coisas desaparecem. A única coisa que permanece eternamente é a alma humana, o homem criado por Deus para a eternidade. O fruto que permanece é, portanto, aquilo que semeámos nas almas humanas – o amor, o conhecimento; o gesto capaz de tocar o coração; a palavra que abre a alma à alegria do Senhor.

**III. ORAÇÃO: *Que digo eu ao Senhor?***

*- Obrigado Jesus, pela tua amizade!*

*- Senhor, ajuda-nos a dar fruto, um fruto que permaneça!*

***Cânticos:***

1. Dou-vos um mandamento novo…;

2. Se vos amardes uns aos outros, Deus permanece em vós;

3. Deus é Amor…

1. **CONTEMPLAÇÃO:**

***Saborear os frutos da amizade de Cristo, com Cristo…***

Nesta comunhão das vontades, realiza-se a nossa Redenção: ser amigos de Jesus, tornar-se amigos de Deus. Quanto mais amamos Jesus, tanto mais O conhecemos, tanto mais cresce a nossa verdadeira liberdade, cresce a alegria de ser redimidos.

**AÇÃO** - A árvore conhece-se pelos frutos que dá (Mt.12,33).

*Examinar os frutos que tenho dado?*

- Vou intensificar a amizade com Cristo, através da:

**Oração**: Tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome …(Jo.15,7.16)

**Escuta da Palavra** **“**Vós já estais purificados pela palavra que vos tenho anunciado” (Jo.15,3).

**Eucaristia**: «Quem me come, permanece em Mim» (Jo.6,56).

**Reconciliação:** “Ele poda o ramo que dá fruto, para que dê ainda mais fruto” (Jo.15,2).

1. J. L. M. DESCALZO, ***Razões para o amor***, Ed. Cucujães, 1991, 58. O autor tem um belo texto sobre a amizade, que pode servir à reflexão homilética. [↑](#footnote-ref-1)
2. SAINT-EXUPÉRY, ***O Principezinho***, Ed. Caravela, 68-69. [↑](#footnote-ref-2)